

Estratégias de socialização e vinculação com a metrópole do *enclave* galego de Lisboa entre os séculos XIX e XX

CARLOS PAZOS JUSTO¹
Universidade do Minho

Resumo:

Pretende-se nesta comunicação analisar o percurso do *enclave* galego em Lisboa entre as últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX. As balizas propostas coincidem, *grosso modo*, com um período relevante no âmbito geral do fenómeno migratório galego, mas também no que diz respeito à história da emigração galega a Portugal. Serão analisadas as características específicas da colónia galega da capital portuguesa. Nomeadamente, será objectivo deste trabalho apontar as estratégias de socialização dos emigrantes galegos e identificar as actividades e instituições criadas para tal fim, como por exemplo *Juventud de Galicia* (1908). Por sua vez, e necessariamente em relação com o anterior, será também objectivo deste trabalho descrever e analisar os vínculos que o *enclave* mantém com a metrópole.

Palavras chave: Emigração galega, relações Galiza-Portugal

Abstract:

This paper offers a study of the trajectory of the Galician enclave in Lisbon in the last decades of the 19th century and in the early 20th century. The chronological frame for this study roughly coincides with an important period in both the Galician migratory phenomenon, and in the more general history of Galician emigration to Portugal. The specific characteristics of the Galician colony in the Portuguese capital will be analysed within this context. One particular aim of this study will be to signpost the socialising strategies of the Galician emigrants by means of the identification of activities and institutions created specifically for this purpose, such as *Juventud de Galicia* (1908). Another goal of this paper, which is necessarily related to this aspect, will be to describe and scrutinize the bonds that the enclave kept with the metropolis.

Key words: Galician migrations, Galicia-Portugal relationships

¹ Grupo Galabra, USC.

O presente trabalho tem por objectivos aproximar-se das estratégias de socialização dos emigrantes galegos em Lisboa; identificar as actividades e instituições criadas para tal fim; e apontar os vínculos que o *enclave* mantém com a metrópole².

Em geral, o fenómeno migratório galego em Portugal, e concretamente em Lisboa, tem merecido, entendemos, pouca atenção (*cf.* Hernández, 1995; Garcia, 1996). Recentemente foram lançados um livro e um documentário sobre a colónia galega em Lisboa coordenados por Xan Leira sob o título *Historia dunha emigración difusa* (Leira, 2008).

Sintomaticamente, o documentário começa com uma série de entrevistas de rua onde se pergunta sobre o conhecimento da emigração galega a Portugal; as respostas na sua maioria patenteiam o desconhecimento do tema. Implicitamente, o documentário passa a mensagem de como ao lado da emigração de ultramar (a Argentina, Uruguay, Brasil, etc.), hoje conhecida e reconhecida, a emigração a Portugal é um fenómeno praticamente desconhecido na Galiza.

Como tal, o fenómeno migratório a Portugal é anterior à massiva ida para América. Como assinalou o historiador Domingo González Lopo (González, 2006), as migrações pendulares ou circulares com destino em vários pontos da geografia portuguesa remontam a vários séculos atrás. Nomeadamente durante o século XVIII, após a guerra de sucessão espanhola ou já no século XIX trás a instauração do recrutamento forçoso no exército (por volta de 1830), a emigração galega a Portugal vai experimentar um aumento considerável. Esta provinha da zona Sul da Galiza, especialmente de concelhos como A Cañiza, Arbo, Crecente, As Neves, Salvaterra, Pontearias, Mondariz, Fornelos de Montes, Pontecaldelas, A Lama... (González, 2006).

Se num primeiro momento os lugares de destino abarcavam quase toda a geografia portuguesa, em finais do século XIX e inícios do XX, assistimos à urbanização do fenómeno migratório galego em Portugal; destacam-se assim, principalmente Lisboa, mas também o Porto como destinos (González, 2006: 260). Ao mesmo tempo, do modelo de migrações temporárias transita-se progressivamente em numerosos casos para um modelo de migração definitiva que, em todo o caso, não parece implicar um corte de relações com a comunidade de origem³.

² Este trabalho enquadra-se dentro das pesquisas e trabalhos que temos realizado à volta da trajectória de Alfredo Guisado, nomeadamente a Tese de Mestrado que defendemos sobre o tema, *Trajectória de Alfredo Guisado e a sua relação com a Galiza (1910-1921)* (Pazos, 2009), assunto que, em parte, tencionamos a ampliar na Tese de Doutoramento em curso. Alfredo Guisado, produtor português, normalmente invocado como membro do Grupo do *Orpheu* de Fernando Pessoa ou Mário de Sá-Carneiro, mantém, segundo os materiais manejados, uma relevante vinculação com o agrarismo e nacionalismo galegos até pelo menos finais da década de 20 do século passado. Paralelamente, por origem familiar (Alfredo Guisado é filho de emigrantes galegos em Lisboa) estabelece uma estreita vinculação com o enclave galego de Lisboa.

³ Seria arriscado, por enquanto, fazer neste trabalho uma análise quantitativa. As distintas fontes consultadas avançam resultados substancialmente diferentes relativo ao número de emigrantes (*cf.* González Rothvoss, 1950; Burgos, 1986; Alves, 2002). No entanto, parece ser consensual que dentro do conjunto dos emigrantes procedentes do Estado Espanhol os galegos tenham sido a maioria (*cf.* Burgos, 1986: XV; Pena, 1999: 38; Alves, 2002: 4).

Estes e outros factores que relatarmos a seguir permitem, entendemos, perspectivar a colónia galega em Lisboa desde finais do XIX e, especialmente, nas primeiras décadas do séc. XX desde a noção de *enclave* (Bassel, 1991)⁴.

Delimitar as instituições vinculadas ao enclave galego em Lisboa não é tarefa fácil, pois o grau de vinculação vai variar de instituição para instituição⁵. Vamos tratar aqui, provisoriamente, daquelas que ou se declaram inequivocamente, por exemplo, *regionais*, ou, no caso das publicações periódicas, das que se ocupam principalmente de assuntos relativos aos galegos e à Galiza. Assim, podemos identificar:

(i) associações ou centros com distintos fins que recebem os membros da colónia galega

(ii) publicações periódicas, em muitos casos bilingues, que tinham como destinatários preferentes os galegos residentes em Portugal⁶.

⁴ Isto é, como uma «secção do sistema cultural situada num território geograficamente afastado do da comunidade originária, configurando um espaço no qual as pessoas e as instituições presentes mantêm relações específicas entre elas e com os seus homólogos da metrópole» (Samartim e Cordeiro, 2008; cf. Equipo Glifo, 1998: 71-72). Deste modo, consequentemente, a Galiza será a *metrópole* do enclave galego de Lisboa. Alberto Pena, no seu informado estudo sobre a emigração galega e as ditaduras peninsulares do século XX (trabalho centrado no período 1936-1939), à hora de se enfrentar às características deste colectivo assinala, apoiando, na nossa leitura, a adopção da noção de *enclave*: «tenía sus propias instituciones para defender sus intereses dentro de la sociedad portuguesa, mantener las tradiciones de su cultura, reivindicar sus orígenes y afirmar su posición social como emigrantes. No era, por tanto, una comunidad desagregada, en la que predominase el individualismo, sino todo lo contrario, como ocurrió con la emigración gallega en otros países. Fundaron asociaciones culturales y recreativas que les servían para seguir alimentando su *morriña* con un espíritu solidario hacia sus semejantes» (Pena, 1999: 41; itálico no original).

⁵ No seu único número, o jornal *España Democrática*, subtítulo «Periódico Defensor de los intereses Morales y Materiales de la Colonia» identificava as seguintes associações em 1912: *Escolar Democrático Español*, dedicado á la instrucción y recreo.- Travessa da Gloria, 22-A, 2º; *Cámara de Comercio*.- Rua 1º de Dezembro, 31, 2º; *Juventud de Galicia*, sociedad artística y de recreo.- Rua da Magdalena, 259, 1º; *Asociación Galaica*, de socorros Mutuos.-Rua da Magdalena, 259, 2º; *Centro Español*, artístico y de recreo.- Calçada dos Caetanos, 54; *La Fraternidad*, asociación de beneficencia y socorros mutuos.- Rua 1º de Dezembro, 31, 2º (p. 3). Em 1936, as associações da colónia espanhola eram, segundo Manuel Burgos: «La Galaica (Companhia de Socorro Mútuos), Centro Gallego, Juventud de Galicia, Centro Español, Sociedad Española de Beneficência, Centro Republicano Español, Casa de España, Escolas Reina Victoria, Instituto Español, Câmara Oficial de Comércio y Navegación de España, todas em Lisboa. No Porto existiram o Montepío Español (Sociedade de Socorros Mútuos), o Centro Escolar Democrático Español, a Casa de España e as Escolas Miguel de Cervantes e Reina Victoria; em Faro também existiu um Centro Español e em Elvas outras escolas espanholas (Burgos, 1986: XV)».

⁶ Em paralelo ao caso das associações, publicaram-se em Portugal, principalmente em Lisboa, vários jornais de vida efémera: «Quanto aos periódicos do século XX, publicados em castelhano, são muitos; nenhum ultrapassou os cinco anos de existência e eram semanais e alguns bis-semanais, com pretensões que não realizaram, de converter-se em diários. Em Lisboa editaram-se: *Federação Ibérica, Internacional e Federação Peninsular*, bilingues e *republicanos*, todos de 1900; mais tarde aparecem *La Españl Moderna* (1908) republicano; *España y Portugal* (1983), *independente*; *La Españl Democática* (1912), *republicano*, *Hispania* (1924), *partidário de Primo de Rivera*, *El Heraldo Esopañol* (1931), *republicano*, *Alborecer* (1932), republicano e, de novo, o *Hispania* (1935) que só editou o número zero. No Porto publicou-se *El Eco Español* (1913), *monárquico*; além destes apareceram algumas publicações irregulares, muitos folhetos e os boletins da Câmara de Comércio de España que começaram no século XIX (Burgos, 1986: XV; sublinhados nossos).» Ignacio Chato acrescenta a esta listagem os seguintes títulos do século XIX: *El Gallego* (1881-1883?) e *La voz Galaica* (1882) (Chato, 2004: 130). Todavia, *El Tea* dá notícia em 1909 do efémero jornal *El Clamor Español* (*El Tea*, 22/05/1909, p.3).

Para nos aproximarmos da trajectória do enclave galego de Lisboa recorreremos também, entre outras fontes menores, ao semanário de Pontareas *El Tea* (1908-1936)⁷.

Depois de analisar os diferentes materiais recolhidos, consideramos necessário destacar dois elementos chave para melhor entender o percurso do enclave lisboeta:

1. Em primeiro lugar: Associado ao fenómeno migratório galego constrói-se em Portugal, especialmente em Lisboa, o estereótipo que dos galegos existiu, e em parte ainda perdura, em Portugal. Estereótipo ligado à posição ou função social (acarretador, aguadeiro, almocreve, artífice, carregador, cortador, etc.) que o adágio popular «trabalhar como um galego» ilustra modelarmente (*cf.* Rodríguez e Torres, 1994)⁸.

2. Em segundo lugar, entendemos ser preciso destacar que desde Portugal, a Galiza começa a ser considerado com os olhos do romantismo liberal (*cf.* Cunha, 2007: 16), quando de forma sistemática vários agentes portugueses começam a reelaborar alguns elementos centrais do repertório cultural português. Teófilo Braga, nomeadamente, Alexandre Herculano, Leite de Vasconcelos ou Oliveira Martins, vão introduzir na sua produção a Galiza como espaço geo-humano individualizado (a respeito do espanhol), pondo em valor uma série de elementos de variada natureza que nutrirão até à actualidade as ideias (e/ou crenças) a respeito da vinculação entre a Galiza e Portugal⁹. Paralelamente, na Galiza, agentes envolvidos na construção e definição da Galiza como *nação*, vão recorrer a Portugal como um elemento central, legitimador das suas tomadas de posição. Pense-se no poeta Eduardo Pondal, no historiador Benito Vicetto e, especialmente, no também historiador Manuel Murguía (*cf.* Villares, 1983: 305; Vázquez, 1995: 15)¹⁰.

⁷ *El Tea*, publicação agrarista dirigida pelo republicano Amado Garra, estava interessado em estabelecer vínculos com a colónia galega de Lisboa nomeadamente com o intuito de obter recursos para custear a criação de sindicatos agraristas tanto no Condado como no enclave e, até mesmo, para apoiar o próprio jornal. Assim, em função deste interesse explícito as notícias ou informações relativas ao enclave são abundantes na publicação agrarista, até o ponto de poder ser considerada uma espécie de diário do enclave. Ora, *El Tea* é evidentemente uma fonte interessada, que substantiva agentes, ideias e posições que vão ao encontro da sua linha ideológica e, portanto, negligencia outras.

⁸ Excertos deste trabalho de José Luis Rodríguez e Elias J. Torres, assim como outros fragmentos de textos centrados na presença dos galegos e da Galiza em Portugal apareceram recentemente recolhidos em Vaz, 2008. González Lopo, entre outros, retrata assim o fenómeno: «Desde muito cedo o ofício de aguadeiro foi monopolizado por eles [os galegos], dando origem a uma figura típica e tópica do mundo lisboeta, à qual com frequência se faz alusão nos desenhos satíricos e nas cenas de costumes de literatura de cordel do século XVIII ou do realismo do século XIX. Deste modo fixou-se o estereótipo do indivíduo rústico, ignorante, bruto, com uma forma de falar que provoca o riso, avarento e disposto a tudo desde que para tal ganhasse um *pinto*.» (González, 2006: 253; itálico no original)

⁹ Seguimos aqui de perto as teses propostas por Elias Torres (*cf.* Torres, 1999: 273 e ss.).

¹⁰ O período que vai de 1910 até 1916/18 coincide com a etapa em que o galeguismo, o máximo interessado na vinculação a Portugal no espaço social galego, não tem capacidade organizativa nem instrumentos para a veiculação dos seus planos. Sintomaticamente, o relacionamento com Portugal será protagonizado por Jaime Solá e *Vida Gallega* (Torres, s/d: 25), nomeadamente pelas suas relações com o enclave galego de Lisboa. A irrupção na Galiza das Irmandades da Fala trouxe consigo também alterações profundas no âmbito das relações galego-portuguesas, inaugurando assim um período muito fértil até ao golpe militar de 1936.

Dito isto, e voltando às páginas de *El Tea*, já no primeiro número, de Outubro de 1908, podemos ler o seguinte:

[na colónia] hay quien posee saneada fortuna, un nombre en el comercio, en la ‘Asociación Galaica’, contribuye con su óbolo á toda clase de suscripciones, protege á sus vecinos y pone empeño en que su establecimiento sea el más *chic* y comfortable en honra de la Región gallega (*El Tea*, 5/10/1908, p. 3; itálico no original).

Além do interessado tom laudatório, destacam neste e noutros textos de *El Tea* dois elementos intimamente relacionados: por um lado a existência de proprietários de origem galega com uma posição económica em auge. Por outro lado, aparece aqui por primeira vez uma referência à Asociación Galaica de Socorros Mútuos que será, segundo a informação manejada, a primeira instituição inequivocamente criada pelos emigrantes galegos em Lisboa. Fundada em 1888, contava em 1910 com 1088 sócios, um capital estimável (cf. «Asociación Galaica» in *El Tea*, 26/03/1910, p. 2). Os sócios eram na sua maioria os que na Galiza eram conhecidos como «lisboanos» (cf. González, 2006: 254), isto é, os emigrantes abastados com importantes interesses económicos.

Apesar de várias tentativas (cf., por exemplo, «De Lisboa. La Colonia Gallega» in *El Tea*, 13/03/1909, p. 2), a seguinte instituição inequivocamente vinculada ao enclave galego de Lisboa só vai surgir em 1908, Juventud de Galicia (germe do actual centro galego da capital lusa)¹¹. Relatava assim um destacado agente do enclave, Ramiro Vidal Carrera, a fundação de Juventud de Galicia:

Un grupo de entusiastas, de gran voluntad, constituyeron, hace pocos meses, una Comisión para poner en práctica los ideales de que se hallaban poseidos. Esta Comisión, de la que yo era un modesto miembro, tuvo siempre por orientación la forma que hizo grandiosa á la importante y rica ‘Asociación Galaica’ de socorros mútuos. Esta es genuinamente regional y nosotros para imitarla en su colosal progreso y creciente prosperidad, fundamos otra que tiende á ser el futuro ‘Centro Gallego’ pero esto no solamente en el nombre sino en la calidad ó significación de sus socios.

Por satisfechos podemos darnos. La modestia con que dimos comienzo á la hoy próspera ‘Juventud de Galicia’ ha merecido el aplauso de los hombres más potentados de la colonia que no tuvieron inconveniente en cooperar á los fines perseguidos por los modestos organizadores, seguros de que cuanto se conseguiera redundaría en provecho y honra de todos. Ahora emprendemos por fin la ruta é iremos hacia un medio social más favorable y más propio de nuestros tiempos.

¹¹ O Centro Español ou Casa de España (origem da actual Casa de España-Centro Español de Lisboa) surge um ano mais tarde, em 1909. O corresponsal de *El Tea* em Lisboa noticiava assim: «El ‘Centro Español’, sociedad de recreo que siguiendo nuestras huellas ha fundado la colonia española, se inauguró el domingo con concierto y baile muy animado...» (*El Tea*, 17/07/1909, pp. 2-3).

E mais à frente:

Nuestros hermanos residentes en América nos dan múltiples ejemplos de los que valen, gracias á la unión y sinceridad que con loables fines practican. Imitémosles nosotros, puesto que aún es tiempo de corregir yerros y rutinas perjudiciales, y confiemos en el porvenir que para la colonia gallega de esta hospitalaria capital será indudablemente risueño» («De Lisboa. La Colonia Gallega» in *El Tea*, 13/03/1909, p. 2).

Na extensa citação, destaca, ademais do óbvio entusiasmo e dos fins propagandísticos do texto, a presença de um regionalismo incipiente que paira em muitas das actividades do enclave. Por outro lado, e quase como linha programática, os agentes do enclave interessados em dotar a colónia de instituições apelam constantemente, como Ramiro Vidal Carrera, ao exemplo dos enclaves galegos em América, espelho onde ver-se e modelo a imitar¹².

Juventud de Galicia será até, *grosso modo*, 1936, o palco onde se encenaram numerosas tomadas de posição do enclave lisboeta em relação aos acontecimentos de índole política da metrópole. Deste modo, por exemplo, o regionalismo antes aludido estará por trás da polémica surgida em 1913 aquando da proposta de admissão de emigrantes de outros territórios do Estado Espanhol no centro galego. Referia-se assim ao assunto Ramiro Vidal Carrera nas páginas de *El Tea*:

Creo que la sociedad debe ser puramente regional, sin admitir más que a gallegos; ya cuando tuvimos la primera reunión de la cual nació ‘Juventud’ hubo partidarios de que se admitiesen a todos españoles, pero... yo no concorde con eso y por lo mismo ‘Juventud de Galicia’ es para los gallegos (*El Tea*, 24/5/1913).

A partir de 1919, paralelamente às iniciativas dos agraristas, *El Tea* dá conta de novas contradições no seio do enclave lisboeta com repercussões em Juventud de Galicia. A polémica estará, no essencial, directamente relacionada com a chegada ao enclave das propostas dos nacionalistas das Irmandades da Fala através dos, assim denominados na publicação agrarista, ‘autonomistas’ (*El Tea*, 13/04/1919, p. 2)¹³. Estes «autonomistas» criarão uma «Comisión de Propaganda pró autonomia de Galicia» presidida, expressivamente, pelo presidente de Juventud de Galicia (*El Tea*, 23/04/1919, p. 2) o qual, entendemos, indica como o enclave lisboeta acompanhava de perto os acontecimentos da metrópole. Fruto deste novo quadro são várias conferências celebradas em Juventud de Galicia, promovidas pela citada «comisión» (*cf. El Tea*, 13/05/1919, p. 2 e 13/06/1919, p. 2).

¹² Transcorrido um ano, podíamos ler em *El Tea*: «Nuestra colonia va á la vanguardia del progreso, tiene ideales y aspiraciones, como los tiene la de América» (*El Tea*, 30/04/1910, p.2).

¹³ Os próprios nacionalistas parecem conceder uma importância notável ao enclave lisboeta (e em geral, aos colectivos galegos da emigração) se repararmos em como subintitulam o seu órgão de expressão, *A Nosa Terra*: «Idearium das Irmandades da Fala en Galicia e nas colonias galegas d’América e Portugal».

Analogamente, o enclave galego tentou dotar-se, com escasso êxito se atendermos à fugacidade das tentativas, de órgãos de expressão como é o caso de *Espanha y Portugal*, «Semanao Independiente – Órgano de la Colonia Española». Em apenas cinco números (8/11/1913-6/12/1913), *Espanha y Portugal* (apoiada através da publicidade dos negócios galegos) traslada as inquietações do enclave. O semanário surge com intenção de defender os interesses (de tipo variado) dos membros da colónia¹⁴. Isto é, por exemplo, o caso da notícia que ocupa toda a capa do número três, sob o título «Españoles. Nuestro Compatriota José Carrera Seoane ¡¡Ha Muerto a causa de la Agresión Cobarde del policía, 380!!» (22/11/1913). Neste sentido, parece evidente como a agora pujante colónia galega se insurge contra a imagem pejorativa que dos galegos funcionava em Portugal. Em 1912, *El Tea* titulava assim os seus comentários furiosos em resposta a um artigo onde assoma esta imagem: «Un infame trabajo periodístico. ‘O Paiz’ insulta a los gallegos – nuestra colonia protesta indignada» (*El Tea*, 28/09/1912, p. 1)¹⁵.

Muitas das intervenções em *El Tea* vinculadas ao enclave lisboeta surgem por reacção contra as tomadas de posição que veiculam o estereótipo dos galegos. Um dos argumentos frequentemente utilizados contra estes nutria-se da ideia central de que os galegos eram honestos e trabalhadores. Evidentemente esta era uma das estratégias acarinhadas pelos galegos abastados, os *lisboanos*, agora com importantes interesses económicos, especialmente interessados em anular a imagem negativa que dos galegos veiculava o estereótipo. Para tal fim, um sector importante destes, não duvidou em apoiar publicamente o novo regime republicano, aproximando-se assim das novas elites políticas (*cf.*, por exemplo, *El Tea*, 15/07/1911).

Outra das estratégias utilizadas passa por uma aproximação das teses do galeguismo e posteriormente do nacionalismo (mas também do novo olhar português sobre a Galiza) no relativo aos vínculos existentes entre a Galiza e Portugal, com o intuito de legitimar a sua origem e, mais uma vez, tentar atenuar a má imagem dos galegos. Assim, por exemplo, já em 1929, destacados agentes do enclave associam-se à iniciativa dos nacionalistas galegos, em parceria com agentes portugueses, que visavam a realização de uma Semana Portuguesa na Galiza¹⁶.

¹⁴ *Espana y Portugal* é inequivocamente um órgão de expressão ligado ao enclave galego em Lisboa, apesar do título e da inexistência de referências à Galiza e aos galegos no editorial do primeiro número. A par da presença de textos em galego (significativamente aparecem dois poemas de Rosalia de Castro e Curros Enríquez) as páginas são preenchidas com informação relativa a questões directamente relacionadas com o colectivo galego emigrado em Lisboa ou à Galiza, nomeadamente da zona sudoeste.

¹⁵ *El Tea* relata as ofensas vertidas n’*O Paiz* (17/9/1912). Os galegos são acusados de «adulteración de géneros alimenticios y [...] robo en el peso y la medida». A refutação airada dos comentaristas, insurge-se contra o estereótipo mas sobretudo tem como finalidade defender os interesses económicos: «Los gallegos, residentes en Lisboa, ni falsifican, ni adulteran los géneros que expenden, puesto que el público los prefiere por su excelente calidad» (*El Tea*, 28/09/1912, p. 1).

¹⁶ O Presidente de Juventud de Galicia, aplaudindo e apoiando a iniciativa dos nacionalistas não deixa de aproveitar para colocar as reivindicações da colónia galega: «Torna-se necesario aperfeiçoar as comunicações para mais facilmente se chegar a esse intercambio. Para se falar entre Lisboa e qualquer terra da Galiza, mesmo com a praça fronteiriça de Tuy, ainda é necesario comunicar-se por via Madrid; tambien seria necesario establecer-se comboios rápidos com carruagens-leitos para facilitar a viagem da Galiza através de Portugal para Sevilla e vice-versa. A construção de uma ponte sobre o Minho que unisse directamente Monção e Salvatierra é

Mas será na revista do *Diário de Notícias*, *O Notícias Ilustrado*, de 10 de Março de 1929, onde o colectivo de emigrantes galegos em Portugal, nomeadamente o enclave lisboeta, conseguirá notabilizar-se ao receber uma homenagem de reconhecimento¹⁷. Na extensa atenção dedicada aos galegos, a revista do *Diário de Notícias* insere fotografias onde aparecem galegos desempenhando os ofícios que muitos exerceram durante o século XIX e parte do XX, e que seriam um factor fundamental na elaboração do estereótipo negativo dos galegos em Portugal. Mas o «Número extraordinário dedicado à colónia galaica» longe de insistir nas imagens menos amáveis para com os galegos residentes em Portugal, inclui também na sua homenagem uma secção dedicada aos «Artistas e Poetas Filhos de Galegos», dentre os quais Alfredo Guisado e também, ao lado de imagens de paisagens galegas (Santiago de Compostela, Pontevedra e A Coruña), retratos das «Grandes Figuras da Colónia», isto é, galegos destacados na indústria e no comércio lisboetas. Figura igualmente na revista uma página dedicada a «poesias galegas»¹⁸.

NOTA FINAL

Longe de esgotar o tema, este trabalho apenas pretendeu abrir uma nova linha de pesquisa nomeadamente no âmbito geral das relações culturais galego-portuguesas. Contudo, e a modo de conclusão, entendemos que analisar o colectivo da emigração galega em Lisboa no período tratado a partir da noção de enclave é altamente rendível. Em segundo lugar, apesar da pouca atenção que o assunto tem recebido, tudo parece indicar que o estudo e análise do enclave lisboeta pode contribuir para um melhor conhecimento das relações entre a Galiza e Portugal. Os galegos emigrados em Lisboa, longe de terem adoptado uma atitude passiva, mostraram uma actividade assinalável ensaiando várias estratégias de socialização com o intuito de se legitimar num meio, por vezes, hostil. Dentre estas estratégias, destaca-se a vontade explícita de se dotar de meios de expressão e instituições como Juventud de Galicia, assim como a utilização de alguns dos elementos repertoriais do programa político dos regionalistas e/ou dos nacionalistas.

tambem uma iniciativa que, além de fomentar o desenvolvimento das povoações fronteiriças, muito facilitaria o desenvolvimento do turismo entre os dois países. Não menos importante a necessidade que existe de que os jornais portugueses possam ser lidos (o que não acontece actualmente) em qualquer localidade da Galiza.» (*Diário de Notícias*, 1/03/1929, p. 1)

¹⁷ Sob o título «Os galego são nossos irmãos!» *O Notícias Ilustrado*, explica o número especial: «Dá com este número a sua comovida colaboração nessa homenagem à colónia galaica que em Portugal tem tão numerosa representação. Irmãos de raça, na actividade, galegos e portugueses irmanam-se na sua intimidade sã e cordial.» (*O Notícias Ilustrado*, 10/03/1929, p. 5).

¹⁸ Na página 15, Alfredo Guisado, destacado membro também do enclave, colabora com o artigo «Nós e a Galiza»; apoiando-se numa extensa citação do conhecido discurso de Manuel Murguía, pronunciado nos Jogos Florais de Tui de 1891, Guisado felicita-se pela iniciativa d'*O Notícias Ilustrado* e põe em destaque as semelhanças entre a Galiza e Portugal: «A casa é a mesma, separa-a apenas uma parede: o Minho».

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Publicações periódicas

- Alborecer*, 1932
España Democrática (La), 1912
España y Portugal, 1913
Diário de Notícias, 1928-1929
Hispania, 1935
Tea (El), 1909-1936.

Outras referências bibliográficas

- Alves, Jorge Fernandes (2002): «Imigração de galegos no Norte de Portugal (1500-1900). Algumas notas» in ROEL, Antonio Eiras e LOPO, Domingo Gonzalez (coord.): *Movilidad e migracións internas na Europa Latina*, Santiago de Compostela, Universidad (Catedra Unesco) p. 117-126 (acessível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo11211.pdf>, último acesso 31/05/2012).
- Bassel, Naftoli (1991): «National Literature and Interliterary System», in *Poetics Today*, 12:4, pp. 773-779.
- Burgos Madroño, Manuel (1986): «As actividades da colónia espanhola em Portugal (1936-1939)», *Diário de Notícias*, 6/07/1986, pp. XV-XVII.
- Chato Gonzalo, Ignacio (2004): *Las relaciones entre España y Portugal a través de la diplomacia (1846-1910)*, Vol. II, Mérida, Editora Regional de Extremadura.
- Cunha, Norberto Ferreira da (2007): *A autonomia galega na imprensa periódica portuguesa (1931-1936)*, Monção, Casa Museu de Monção / Universidade do Minho.
- Equipo Glifo (1998): *Diccionario de termos literarios*, vol. II (e-h) [Santiago de Compostela], Xunta de Galicia, Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades.
- García Fernández, Xosé Lois (1996): «Patrimonio e cultura da emigración galega em Portugal» in Maria Xosé Rodríguez Galdo, Afonso Vázquez-Monxardín (coords.): *Actas do I Encontro sobre o Patrimonio Cultural Galego na Emigración*, Santiago de Compostela, Consello da Cultura Galega, pp. 181-186.
- González Lopo, Domingo L. (1999): «Los movimientos migratorios en tierras del interior de la provincia de Pontevedra entre 1801-1950: Características y puntos de destino» in Pilar Cagio Vila (ed.): *Semata, Ciencias Sociais e Humanidades*, vol. II, pp. 269-298.
- (2006): «'Se se mandassem embora não haveria quem servisse...' Os galegos em Portugal: Um exemplo típico de mobilidade na época pré-industrial» in Ruben Lois González e Rosa Verdugo Matés (eds.): *As migracións em Galiza e Portugal. Contributos desde as Ciencias Sociais*, A Coruña, Ed. Candeia, pp. 237-266.
- González Rothvoss y Gil, Mariano (1950): «La emigración en la Península Ibérica», in *Separata Ciências Sociais*, vol. 6, Sección 5, Porto, Imp. Portuguesa.
- Hernández Sanz, Pilar (1995): «A emigración galega a Portugal» in *Galicia ó lonxe*, 4, pp. 14-15.
- Leira, Xan (2008): *Historia dunha emigración difusa. 500 anos de emigración galega a Lisboa*, s/l, Acuarela Comunicación sll.

- Pazos Justo, Carlos (2009): *Trajectória de Alfredo Guisado e a sua relação com a Galiza (1910-1921)* [Tese de Mestrado inédita, defendida na Universidade do Minho em Fevereiro de 2009].
- Pena Rodríguez, Alberto (1999): *Galicia, Franco y Salazar. La emigración gallega en Portugal y el intercambio ideológico entre el franquismo y el salazarismo (1936-1939)*. Vigo: Universidade de Vigo.
- Rodríguez, José Luis e Torres Feijó, Elias J. (1994): «A Galiza e os galegos na prosa de Camilo», in *Actas do Congresso Internacional de Estudos Camilianos*, Coimbra, Comissão Nacional das Comemorações Camilianas, pp. 707-727.
- Torres Feijó, Elias J. (1999): «Cultura Portuguesa e legitimação do sistema galeguista: historiadores e filólogos (1880-1891)» in *Ler História*, 36: 273-318.
- (s/d): *Crónica de um reencontro. O relacionamento galego-português nos seus textos. Publicações não diárias (1888-1936)* [Trabalho inédito, fruto em parte da Tese de Doutoramento, defendida em 1995, *Galiza em Portugal, Portugal na Galiza através das revistas literárias (1900-1936)*, 3 vols., Universidade de Santiago de Compostela].
- Samartim, Roberto López-Iglésias e Cordeiro Rua, Gonçalo (2008): «O Pensamento Cultural Galego em Referência a Portugal: Posição e Função de Ideias e Grupos no Tardofranquismo e na Transição», in *Actas do I Congresso Internacional 'O Pensamento Luso-Galaico-Brasileiro entre 1850 e 2000'*, Lisboa, IN-CM.
- Vaz, Rodrigues (coord.) (2008): *Os Galegos nas Letras Portuguesas*, Lisboa, Pangeia Editores.
- Vázquez Cuesta, Pilar (1995): «Portugal-Galicia, Galicia-Portugal. Un diálogo asimétrico», in *Colóquio / Letras*, 137/138, pp. 5-21.
- Villares, Ramón (1983): «As relacións da Galiza con Portugal na época contemporánea» in *Grial*, 81, pp. 301-314.